

CORDEL  
**ENCASTELADO**

**#32**

MMXXI



**Estafeta**  
**O nosso índio merece**  
**Mais respeito e proteção**

Alice Fernandes de Moraes  
Ronaldo Oliveira  
Everlane Caroline da Silva Maurício  
Gorete Amorim  
Francinilto Almeida  
Cárlisson Galdino

<b>TÍTULO</b>	Cordel Encastelado #32 <i>O nosso Índio merece</i> <i>Mais respeito e proteção</i>
<b>TIPO DE CORDEL</b>	Estafeta
<b>TEMA</b>	Índio, direitos, sociedade
<b>EDIÇÃO ATUAL</b>	1ª (2021)
<b>1ª PUBLICAÇÃO</b>	2021
<b>AUTORIA</b>	Alice Fernandes de Morais Ronaldo Oliveira Everlane Caroline da Silva Maurício Gorete Amorim Francinilto Almeida Cárlisson Galdino
<b>ESTRUTURA</b>	7 + 7 + 6 setilhas (7) 1 sextilha (6) + 6 setilhas (7) 4 + 5 décimas (10)
<b>ESTRUTURA DE RIMAS</b>	xAxAxA xAxABBA ABBAACCDDC
<b>MÉTRICA</b>	redondilhas maiores (7)

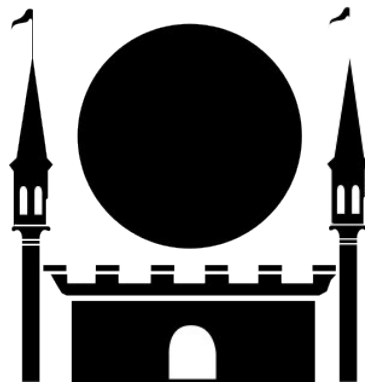
Este cordel é uma publicação de cordelistas agrupados sob o projeto Cordel Encastelado, criado durante a quarentena que foi formada em resposta ao novo Corona Vírus (COVID-19). Esperamos que você goste deste trabalho.



Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons AtribuiçãoNãoComercial-Compartilhalgal 4.0 Internacional.

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

26 de agosto de 2021



## **Os Verdadeiros Donos**

Vivemos um período grave da nossa história. Grave em vários campos, mas hoje trataremos em especial da questão indígena. Meio milênio passado e os antigos donos do país ainda são perseguidos e oprimidos. Às vezes parece que com ainda mais perversidade. O Cordel Encastelado 31 traz a voz de 6 cordelistas reforçando a importância do tema, a importância dos povos originários, a importância do respeito.

Pena não termos cordelista indígena no nosso grupo. ...ainda. Se vierem, serão bem-vindos.

Cárlisson Galdino

Dói no peito quando lembro  
Desse povo antigamente,  
Que cuidavam do Brasil  
Bem melhor que o presidente,  
Preservavam as nossas terras  
Não desmatavam as serras  
E viviam bem contentes.

Mas um dia o homem branco  
Essas terras descobriram,  
E foram carregando o ouro  
Que os índios não conheciam,  
Invadiram o seu espaço  
E a terra virou bagaço  
Diante do que eles viam.

O nosso índio foi ficando  
Muito mais que acuado,  
Viu ali o pau Brasil  
Pelos homens derrubados,  
Toda riqueza partindo  
O ouro também sumindo  
E os índios ameaçados.

Foram dominando as terras  
Que aos índios pertenciam,  
Foi aparecendo dono  
E em partes dividiam,  
Nosso Brasil em retalhos  
Caíam galhos sobre galhos  
E os índios se espremiavam.

Hoje eu vejo os nossos índios  
Sem terra pra trabalhar,  
E tantos fazendeiros ricos  
Com terras pra se mostrar,  
Nossos índios desprezaram  
Tudo deles carregaram  
Não tem nem onde morar.

Onde ainda tem aldeia  
Sua oca é tão pequena,  
Seu espaço é tão restrito  
Que eu até morro de pena,  
Quem antes era o dono  
Hoje vive no abandono  
Do jeito que o homem ordena.

Aqui vai o meu apelo  
A quem governa esta nação,  
Deixe um pouco de terra  
Para os índios nosso irmão,  
Vou fazer a minha prece  
**O nosso índio merece  
Mais respeito e proteção.**

Neste nosso continente  
Muita coisa aconteceu  
Civilização avançada  
Na nossa América viveu  
Antes do descobrimento  
Da vinda do Europeu

A pesquisa arqueológica  
Já conseguiu comprovar  
Vasos cerâmicos raros  
De beleza singular  
Arte e sabedoria  
E o mundo saberia  
Nova história a contar

Nossos índios ancestrais  
Guardam um grande tesouro  
Vale mais que o dinheiro  
É mais forte que o couro  
Grande civilização  
De norte a sul da nação  
Tem a nobreza do ouro

No Nordeste do Brasil  
Na Serra da Capivara  
No centro do Piauí  
Existe uma joia rara  
São as escritas rupestres  
Encravadas no Agreste  
Que a nada se compara

Nossos índios conheciam  
Jeito nobre de viver  
Contaram sua história  
Para o mundo conhecer  
Hoje é grande atração  
Turismo na região  
Tem muita coisa pra ver

Já conheciam o algodão  
Aprenderam a tecer  
Também a tinturaria  
Eles sabiam fazer  
E nas artes militares  
Guerreiros e exemplares  
É preciso se dizer

No nosso grande Brasil  
Existe outra nação  
Com sua própria cultura  
Salvaguarda a tradição  
Povo que nos engrandece  
**O nosso índio merece**  
**Mais respeito e proteção**

Para início de conversa  
Convido-lhe a refletir  
Sobre nossos ancestrais  
Você bem há de convir  
Somos privilegiados  
No Brasil reencarnado  
Temos muito a construir



Nunca diga: “é por acaso”  
Que estou por esta terra  
Não brinque com o criador  
Pois ele difícil erra  
Agarre sua missão  
Desvie a submissão  
Vamos vencer essa guerra

Essa terra é indígena  
Você há de concordar  
O que houve na história  
Devemos rememorar  
Tratou-se de invasão  
E o discurso de nação  
Precisamos recontar

Chegaram desconfiados  
Destruindo a Natureza  
Os encantados de Luz  
Viram-se em grande tristeza  
Eles com tudo acabando  
Pelo litoral entrando  
Em busca de mais riqueza

Peço-lhe humildemente  
Para nunca esquecer  
Somos filhos de caboclos  
Mães de Santo, Obaluê  
E povo sem identidade  
Desconhece a verdade  
E o sentido de viver

Esse marco temporal  
Só pode ser invenção  
Esses nosso governantes  
Parece não ter noção  
O Brasil é quem padece  
**O nosso Índio merece**  
**Mais respeito e proteção**

Quando a ganância e o poder  
Nessa terra se instalou  
Começou a exploração  
De tudo que encontrou  
Dos povos naturalizados  
Muitos foram dizimados  
Pelas mãos do explorador.

Foi genocídio total  
Não tem outra explicação  
Centenas de etnias  
Foram vítimas da ambição  
Do europeu impiedoso  
Faminto e desejoso  
Somente de exploração.

Somente no litoral  
Povoavam 2 milhões  
Menos de 300 mil  
Povoam as dimensões  
Ameaças à liberdade  
À própria humanidade  
Vítimas de invasões.

Cadê nossos Caetés?  
Quanta devastação!  
Etnias que escaparam  
Lutam por demarcação  
Do território de direito  
Como se fosse suspeito  
De ter roubado a Nação.

Isso tudo acontece  
Por uma única razão  
O poder do capital  
Quer lucro, acumulação  
Em detrimento da vida  
Devastação sem medida  
É mesmo uma maldição.

Defensores das florestas  
São mortos à luz do dia  
Junto com a natureza  
Vivem em agonia  
Enfrentam latifundiários  
Como afazeres diários  
A arma é a valentia.

O Estado vez ou outra  
Faz alguma intervenção  
Discursa e cria leis  
Sem nenhuma concreção  
O rico ele favorece  
**O nosso índio merece  
Mais respeito e proteção.**

Antes do descobrimento  
De que o Brasil foi dotado  
Nosso indígena acostumado  
A viver sem sofrimento  
A terra dava o sustento  
Tudo havia em abundância  
A vida tinha importância  
Respeito e fraternidade  
Havia mais liberdade  
E muito mais tolerância.

Contudo, os desbravadores  
Vindos de muito distante  
Cada um mais importante  
Clamando falsos valores  
Passavam por bons senhores  
Mas queriam dominar  
Seja morrer ou matar  
Decerto o mais necessário  
Era ser proprietário  
Para poder explorar.

A matança começou  
De forma desenfreada  
Nosso índio em debandada  
Seu torrão abandonou  
Pouco a pouco se acabou  
Nossa nativa existência  
As nações em decadência  
Sem nenhuma garantia  
Só a morte prosseguia  
Apesar da resistência.

Hoje em número minguado  
Dá-se severa injustiça  
Desenfreada cobiça  
Prossegue no seu traçado  
Índio não tem mais roçado  
E nem mesmo habitação  
Até o seu ganha-pão  
Aos poucos desaparece  
**O nosso índio merece  
Mais respeito e proteção.**

Por aqui sempre tem gente  
Revoltada com política  
E chega fazendo crítica  
Assim de jeito inocente  
Em um tom irreverente  
Às vezes fala sorrindo  
-- Com tudo se destruindo  
"Brasil não tem solução  
Melhor pegar a nação  
E dar de volta pros índios"

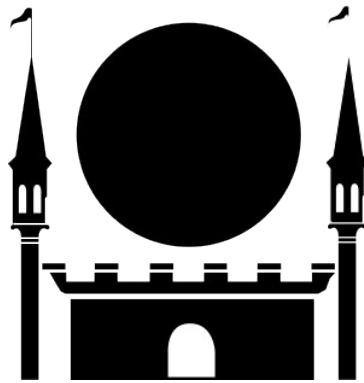
Sempre vem como piada  
O comentário no ouvido  
Mas se pensar, faz sentido  
Não de forma exagerada  
Mas seria uma apropriada  
Forma de reparação  
Com índios na condução  
Da nossa mata fechada  
Seria bem preservada  
A nossa vegetação

Os povos de Pindorama  
Não buscam por poder não  
Pela sua tradição  
Querem é se erguer da lama  
Viver sua vida sem drama  
Na terra da sua gente  
É o que anseiam somente  
Eles sabem se virar  
Se o branco não empatar  
Já vai ser suficiente

Honrar a própria cultura  
Sem esquecer um momento  
Todo esse conhecimento  
Sua fé, costumes e cura  
Se a tribo quiser, mistura  
Com o que homem branco cria  
Ciência, tecnologia  
Mas para isso ser feito  
Tem que ter muito respeito  
Eles têm autonomia



Florestas são destruídas  
Pra enriquecer fazendeiro  
Que só pensa no dinheiro  
Nos deixando sem saída  
Ceifa de lá qualquer vida  
Pra gado e pra plantação  
Toda essa destruição  
A Mãe Terra não esquece  
**O nosso índio merece  
Mais respeito e proteção**





## **Alice Fernandes de Moraes**

**Contagem - MG**

*Alice nasceu na cidade de Campos Sales (CE). Cordelista, já escreveu mais de 40 cordéis, e 4 livros, sendo um infantil.*

*Hoje mora em Contagem, Minas Gerais.*

*Tem um trabalho patrocinado pelo Fundo Municipal de Incentivo à Cultura de Contagem e outro pelo Ministério da Cultura.*

*Admiradora da poesia Nordestina desde criança. Viu no poeta Patativa do Assaré, sua maior inspiração.*



## **Ronaldo Oliveira**

**Arapiraca - AL**

*Ronaldo Oliveira, administrador de empresas, radialista e poeta popular. Tem dois livros publicados: Retratando Minha Terra e O Caipira e Onze e Meia. O última uma alusão a sua participação no Programa do Jô Soares em 1995. Seus poemas de literatura de cordel questionam problemas enraizados em nossa sociedade como ecologia, saúde, educação e política.*



**Everlane Caroline da Silva Maurício**

Igaci - AL



**Gorete Amorim**

Arapiraca - AL



## **Francinilto Almeida**

**Tabuleiro do Norte - CE**

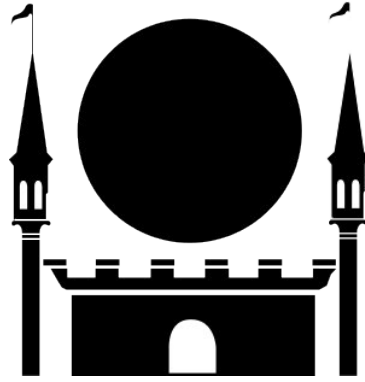
*Nasceu em Tabuleiro do Norte, Ceará, a 17 de novembro de 1962. Formado em Letras, com pós-graduação em Planejamento Escolar, é professor concursado em Escola Pública Estadual. Publicou os seguintes livros: - A Fúria do Segredo (romance), 1990; - Geografia do Amor em Transe (poesia), 2000; - A Longa Travessia (romance), 2004, além de outros títulos inéditos. Ultimamente tem-se dedicado bastante à produção de Literatura de Cordel, com mais de cem títulos, nesta área.*



## **Cárliston Galdino**

**Arapiraca - AL**

*Membro da Academia Arapiraquense de Letras e Artes (ACALA) desde 2006 e da Academia Alagoana de Literatura de Cordel (AALC) desde 2020. Sócio Fundador da União Brasileira de Escritores (UBE) – Núcleo Arapiraca. Iniciou na Literatura com o livro de poesias *Chuva Estelar*, em 1999. Escreve cordéis desde 2005, com mais de 100 títulos, incluindo inovações no gênero, como o cordel interativo. Também tem contos e seis novelas de aventura: *Jasmim*, *Escarlate* (trilogia), *Warning Zone* e *Sina*, além da *O Último Mototáxi de Arapiraca*, que está sendo publicada semanalmente. Autor de sistemas e ambientações para RPG, publicados no XR Zine.*



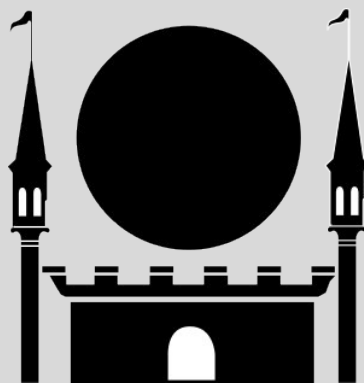
## Publicações

1. Tempos de Quarentena
2. No Reino dos Brinquedos
3. Isso eu gosto e recomendo  
Para o seu cinema em casa
4. Quem lê toma consciência  
De um mundo libertador
5. São João, festa do povo  
É cultura popular
6. Namoro à Distância
7. Qualquer tema pode ter  
A marca do trovador
8. O Nosso Cordel da Paz
9. A verdadeira amizade  
Nem a distância separa
10. Amor de avós é riqueza  
Que se traz no coração
11. Paulo e a Esfinge

12. No cordel que escrevemos  
Machismo nunca tem rima
13. Viagens que Marcam
14. Sobre os palcos dessa vida  
Quero ser protagonista
15. Setembro Amarelo
16. A chama que queima as matas  
Atinge o meu coração
17. Outubro Rosa
18. O Valor do Professor
19. Gonzagão Amostrado
20. Racismo é maldita herança  
De um Brasil escravocrata
21. Mulher não é objeto  
Pra ser posse de ninguém
22. Laura e os Antepassados
23. Ode ao Palhaço
24. Saudade é como retrato  
Tirado com o coração
25. Precisamos de Vacina
26. Dia Mundial da Poesia
27. Tá tudo tão diferente  
Nem rádio AM tem mais
28. Ode à Ciência
29. Viva as Mães!
30. O tal Disco Voador  
Tem causado muito espanto



31. O Homem chegou na Lua
32. O nosso índio merece  
Mais respeito e proteção



**Cordel Encastelado** é uma iniciativa de cordelistas de vários lugares do país para escreverem cordel coletivamente durante o período de quarentena, devido à pandemia de COVID-19.

Você pode conhecer mais sobre o projeto e seus participantes, bem como baixar todas as edições já publicadas em

<http://wiki.cordeis.com/encastelado/start>

E no canal de Telegram eCordel: <https://t.me/ecordel>

O padrão de cores utilizado foi pego em

<https://botsin.space/@accessibleColors>

Se você é cordelista e quer participar do projeto, mande e-mail para [cg@cordeis.com](mailto:cg@cordeis.com)